

Cuidador de pessoa com Alzheimer requer suporte emocional

Doença traz um impacto muito grande, principalmente às famílias com menor poder aquisitivo

Oldair de Oliveira

Foi em 1906, que o médico alemão Alois Alzheimer (1864-1915) descreveu pela primeira vez a doença que batizaria como o seu próprio sobrenome. Um século depois, o problema se transformou em um dos principais males da população geriátrica, acometendo entre 17 milhões e 25 milhões de pessoas ao redor do mundo. Nos países desenvolvidos, o mal já representa a terceira causa de morte, perdendo apenas para as doenças cardiovasculares e câncer.

A doença de Alzheimer é uma forma de demência, cuja causa ainda não é conhecida, sendo decorrente da morte dos neurônios e, conseqüentemente, da diminuição do volume do cérebro. É progressiva e degenerativa e leva à perda de memória, dificuldade para se comunicar, desorientação sobre tempo e lugar e dificuldade de raciocínio e juízo. Com a evolução do problema, o paciente passa a encontrar dificuldade para a realização das tarefas mais simples até chegar a um estado de anulação completa.

Doença cara

Outro complicador, é o alto custo da doença. O governo oferece os medicamentos de alto custo, mas o acesso a eles não é tão fácil quanto deveria. Além disso, poucas famílias têm como contratar um cuidador profissional, sendo necessário que alguém depreenda atenção integral ao portador. A partir da progressão da doença, surgirá também a necessidade de alimentação parenteral (por sonda). As famílias que dispõem de condições financeiras podem recorrer aos produtos industrializados, que vêm

Dos pequenos esquecimentos, que passam por normais para o portador e familiares, o quadro evolui para uma condição em que a pessoa não conseguirá mais reconhecer membros da família e amigos. Além disso, passa a precisar de ajuda para realizar as atividades simples, como se vestir, e sofrerá mudança de personalidade. Daí a importância da presença do cuidador durante todas as fases de evolução do problema.

De acordo com Rosilene Alves de Souza Lima, diretora e coordenadora do Grupo de Apoio Psicológico da Associação Brasileira do Estado de São Paulo (Abraz), a doença representa um estresse muito grande para as pessoas próximas e é muito comum que haja desagregação familiar em função das conseqüências que ela traz. "Às vezes, a família se une em torno do problema, mas o mais comum é a desagregação familiar motivada pelas divergências de opinião e a discussão para saber quem vai cuidar, geralmente, do pai ou da mãe", explica a psicóloga. Segundo ela, normalmente quem assumir essa função é quem mantinha um relacionamento mais próximo com o portador.

A tarefa exigirá bastante do cuidador e se ele não tiver um suporte emocional corre o risco de adoecer junto com o paciente. Esse impacto é bem menor nas famílias de poder aquisitivo maior. Essas podem pelo

na consistência e valor nutricional adequados. Para isso, gasta-se cerca de R\$ 25,00 por dia.

"Para quem não tem condições, recomenda-se que faça uma sopinha caseira. Mas um dos problemas é que entope a sonda. Para que isso não ocorra, a pessoa coloca mais água para diluir, surgindo o risco de desnutrição", explica Rosilene Alves de Souza Lima, da Abraz. Segundo ela, o procedimento feito em casa é ineficiente e, por conta do desequilíbrio nutricional, facilita o surgimento de outros problemas. (00)



menos contratar um profissional para cuidar do seu familiar. Já naquelas com padrão econômico inferior, muitas vezes, alguém que trabalha fora terá de deixar o seu emprego para se dedicar de forma integral ao portador.

SERVIÇO

Amanhã, a neuropsicóloga Lívia Ponte esclarecerá as principais dúvidas das famílias dos portadores de Alzheimer. A palestra acontecerá na paróquia Dom Bosco, que fica na rua Centro Corá, 2.101 (esquina com a rua Pio XI), Alto de Pinheiros. Os interessados em participar devem ligar para o fone: 3021-3114. Além dessa palestra, a Associação Brasileira de Alzheimer oferece, toda quinta-feira, às 19h30, um trabalho de apoio psicológico ao familiar do portador, na mesma paróquia.

Mais informações sobre a doença de Alzheimer podem ser obtidas no Abraz, pelo fone 0800 551 906 ou no site www.abraz.org.br. Sobre neuropsicologia o site é www.compartimentohumano.com

Neuropsicologia entra em cena

Uma das ferramentas que ajudam no combate à doença de Alzheimer é a neuropsicologia, cujo exame permite avaliar as lesões e disfunções cerebrais, como é o caso do problema em questão. Com ela é possível identificar e mensurar a gravidade do déficit neurológico e como o problema interfere no funcionamento geral do paciente. Os testes usados cobrem diferentes domínios cognitivos, como linguagem, memória e raciocínio.

Na opinião da neuropsicóloga e terapeuta cognitivo-comportamental, Lívia Ponte, a neuropsicologia é um importante coadjuvante no caso de Alzheimer, auxiliando tanto na avaliação quanto na reabilitação do paciente. "O que se busca com essa ferramenta não é a cura, uma vez que a doença é degenerativa e evolui progressivamente. O objetivo é diminuir a evolução do déficit e manter a pessoa funcionando por um tempo mais longo possível", explica Lívia, que é integrante do serviço de psicologia do Instituto do Hospital das Clínicas (HC).

Segundo ela, a avaliação neuropsicológica começa com a obtenção de dados a respeito da vida do paciente, buscando saber como a doença começou e se tem evoluído. Essa entrevista é longa e demora cerca de duas horas, às vezes mais. É a partir desse primeiro procedimento que se seleciona um teste que será aplicado na pessoa.

Difícil aceitação - Quando chega o diagnóstico de Alzheimer, a primeira reação dos familiares é a não-aceitação. De acordo com Rosilene Alves de Souza Lima, diretora e coordenadora do Grupo de Apoio Psicológico da Associação Brasileira (Abraz), geralmente, busca-se nova avaliação com outro médico. "O paciente oscila muito dentro do diagnóstico. Um dia parece que está bem, outro, não. Essa característica dá às pessoas próximas a esperança de que o problema não se trata de Alzheimer", explica. (00)